

Esgotamento do Projeto Iluminista e Des-recalcamento da fé - uma proposta interpretativa das bases do populismo atual

Philippe Campos

RESUMO: O artigo tem por objetivo apresentar uma breve análise de dois motores no cenário político atual, quais sejam, *fé* e *iluminismo*, tais como compreendidos por Hegel. Intenta-se colocar esses operadores na teoria sobre o populismo de Laclau, no desenvolvimento do trabalho analisou-se como o campo deixou de ser hegemônico por forças provenientes da razão e do Estado e passou à fé e o mundo ético. Contudo, pretendemos manter uma baliza pouco acomodada à teoria da hegemonia laclauliana; o autor argentino nos fornece as bases teóricas sobre a estrutura de alternância de poder, mas deixa de lado a leitura sobre o ciclo do Capital não se tratar de um movimento monótono, mas exibir um desenvolvimento no tempo cujas tendências são de concentração de renda e exclusão ou marginalização social

Palavras-chave: fé; iluminismo; populismo; crítica; política contemporânea.

ABSTRACT: The article aims to present a brief analysis of two mechanisms in the current political context, those are *faith* and *enlightenment* as understood by Hegel. It is intended to put this operators in the field of Laclau's theory of populism, in the development of work we analyzed how the field left to be hegemonized by the force of the reason and State and pass to the faith and the ethical world. However, we intend to maintain a landmark not very compatible with the laclaulian theory of hegemony; the Argentine author provides us the theoretical bases about the structure of power alteration, but leaves aside the reading about the cycling of Capital, as not being a monotonous movement, but presents a development in the time that the tendencies are of concentration of income and social exclusion or marginalization.

Key-words: faith; enlightenment; populismo, critic, contemporary politics.

Introdução

Vários são os fenômenos que compõem o diagnóstico atual sobre a volta do autoritarismo, do fascismo ou do populismo. *Fake News*, manipulação da mídia, a religiosidade, a identificação a uma personalidade autoritária, vulgarização da esfera pública, cinismo como recusa da racionalidade... a extensão é grande. Contudo, pretendemos sustentar que nenhum a deles pode ser dado o predicado de causa, mas devem ser lidos como sintomas.

Entretanto, definir a causa como "capitalismo", se correto, é rápido demais; não nos traz ganhos na compreensão dos fenômenos. Seria

preciso, e é a essa tarefa que nos dedicamos, contextualizar o que queremos dizer quando dizemos que “capitalismo” é o nome da doença que agora se manifesta sob a efigie do autoritarismo, fascismo ou populismo. Gostaríamos, também, de confessar que essa doença não tem cura – ao menos não até o momento – (não trabalharemos esse ponto aqui, sustentaremos esse postulado com base em Streeck ¹.

Esse caminho para chegar no hoje, terá o seguinte traçado: o esgotamento do projeto do modernismo, um projeto que, em alguma medida, se ampara no enodamento entre crítica, utopia e progresso; o pós-modernismo ou o mundo fragmentado promovido pelo Capital em seu estágio desenvolvido; o nexos do pós-modernismo como um nexos essencialmente monetário e, derivado disso, anti-narrativo; o surgimento do populismo como um retorno da narrativa, ensejado por períodos de crise acentuada; e, por fim, os atores que encenam o conflito por hegemonia, o iluminismo e a fé, tal como conceituados por Hegel.

O Modernismo, Aquele que não Entregou o que Prometeu

Uma das premissas do modernismo é a busca incessante por um novo mundo, pela novidade ou pela utopia ². Nas palavras de Schlegel ³: “O desejo revolucionário de realizar o reino de Deus é o ponto elástico da formação progressiva e o início da história moderna. Nela, o que não tem referência alguma ao reino de Deus é apenas acessório” Essa utopia (cuja referência implícita é sempre o reino de Deus) é realizada a pelo movimento da crítica ou da fragmentação do mundo – o recrudescimento das contradições na França durante a revolução francesa provocou uma síntese posterior (Napoleão), responsável pela realização do mito da grande nação francesa e da realização da utopia do Estado moderno ⁴. Assim, tendo como chave de leitura da história o modernismo e seu “futuro desejado” ⁵, o movimento da crítica ou da fragmentação provoca, automaticamente, uma síntese posterior que unifica os elementos desconexos ou contraditórios num universal que, agora, se mostra numa nova forma; tem-se aí, em suma, um nexos pelo via do progresso,

.....
1 Streeck 2013.

2 Koselleck 2006.

3 Schlegel 1997, p. 85.

4 Kojève 2002.

5 Koseleck 2006.

a utopia como horizonte presente em todo momento de crise/revolucionário. Assim, se do acirramento das contradições sai a revolução que, por sua vez, as resolve, deriva daí a utopia marxista do comunismo; este seria o resultado da fragmentação promovida pelo próprio Capital (“o capitalismo que criou seu próprio coveiro”: os proletários, tendo suas vidas esgarçadas pelo capital, se tornam uma massa revolucionária). Nesse sentido, o movimento de promoção da crítica e por consequência da desagregação do mundo do Capital – veremos adiante que isso que estamos chamando “desagregação” prescinde, por vezes, da crítica – consistiria em mostrar a falsidade da religião, a mentira da liberdade, como liberdade burguesa e o engano da fraternidade como o acordo egoísta mediado pelo dinheiro; esse exercício já seria tarefa que, por si, conduziria à utopia, isto é, ao comunismo:

[A crítica] Não é um bisturi, mas uma arma. Seu objeto é seu inimigo, que ela quer não refutar, mas destruir. Pois o espírito de tal situação já está refutado. Ela não constitui, em si e para si, um objeto memorável, mas sim uma existência tão desprezível como desprezada. A crítica para si não necessita de ulterior elucidação desse objeto, porque já o compreendeu. Ela não se apresenta mais como fim em si, mas apenas como meio. Seu pathos essencial é a indignação, seu trabalho essencial, a denúncia ⁶.

Porém, o século XX foi responsável por demonstrar que o nó entre crítica, progresso e utopia não se sustenta, *o modernismo não entregou o que prometeu*. O primeiro desses eventos seria a 1ª Guerra Mundial, cuja síntese, para a Europa iluminista ou movida pelo ímpeto moderno, foi o fascismo, se é que se pode predicar o fascismo por “síntese”. Ou seja, o final de um processo fragmentário ou contraditório não necessariamente é uma sublimação, mas pode ser um processo de repressão, de recalque, de denegação... em suma, todos esses nomes freudianos que designam soluções não definitivas, um avanço sem superação. O que acontece desse início da derrocada do mito do modernismo para cá é algo como um desenrolar de soluções de compromisso – segundo Freud,

.....
⁶ Marx 2015, p. 147.

uma solução entre aquilo que tem razão e aquilo que não tem ⁷.

O Mundo Fragmentado Pós Modernista

Jameson ⁸ vai dizer que o pós-moderno é aquilo que temos quando o processo do moderno foi levado a cabo, o processo moderno é um processo essencialmente histórico, a experiência pós-moderna é uma sem história e essa não historicidade desse período se deve, essencialmente, à impossibilidade de teses ou de grandes narrativas ⁹ – é necessária a constituição de um grande projeto coletivo, sua destruição e posterior reconstrução, para que algo como História possa ocorrer, sem projetos coletivos o tempo se torna um “presentismo, “presente contínuo”, “presente perpétuo” (caracterizações estas presentes numa miríade de autores). Então, Jameson vai dizer que a arte pós-moderna e a esquizofrenia mimetizam a cultura ou a espacialidade pós-moderna. O motivo de nosso autor utilizar a arte para explicar o momento é que o contemporâneo se apresenta como a impossibilidade de constituição de síntese. Assim, as instalações de arte como uma composição de heterogeneidades sem um sentido possível é uma maneira de reproduzir a espacialidade contemporânea, principalmente a espacialidade do lugar pós-moderno por excelência, as grandes cidades. O expectador não interpreta essas obras, ele as experimenta, ele experimenta sensações análogas àquelas que temos num grande centro urbano, uma experiência caótica – de um lado um camelô gritando, de outro, vários mendigos, ali um pregador aos berros, mais a frente um petista brigando com um bolsonarista, não há nenhuma narrativa comum que pareça unificar esses significantes. Quando Jameson predica o pós-moderno de esquizofrênico, não significa que as pessoas estejam acometidas pela esquizofrenia, mas é a descrição clínica do fenômeno que interessa, o esquizofrênico experimenta o significante, não como uma cadeia que liga passado, presente e futuro, formando uma personalidade, uma narrativa, mas como uma experiência pura do significante, ele tem sensações e elas ficam por isso mesmo ¹⁰.

Em que pese a sumariada dessa exposição, desde aí é possível sustentar que umas das atividades da crítica é empreendida de ma-

.....
7 Freud 2017.

8 Jameson 1996.

9 Lyotard 1998.

10 Jameson 1996.

neira mais eficaz pela própria realidade. Isso que designam por “pautas identitárias, se visto por essa perspectiva, opera como uma tentativa de lastrear um sujeito, conferir a ele uma identidade por meio de uma comunidade que o localize num mundo ou sobre um fundo fragmentário – as chamadas minorias constituem o povo para quem a justiça, a religião a moral e esperança não foram feitas. Por outro lado, as igrejas evangélicas também operam de maneira parecida, ao apelar para a justiça divina, para a esperança além-mundo e para a figura do pastor, o que está latente é que o mito oferecido pelo liberalismo – como: valores jurídicos, igualdade de oportunidades e acesso a bens – não passa de falácia. Ambas as correntes são, por assim dizer, anti-sistêmicas.

O Vínculo Implícito do Fragmentado

Foi por meio de sinais de esgotamento do mito da modernidade, um mito coletivo, que uma instância narrativa de mediação universal (a revolução ou o progresso) deu lugar à miríade de formas de vidas com existências simbólicas particularizadas no espaço pós-moderno. Contudo, sem nenhuma mediação universal, a coabitação humana é impossível. Na derrocada da modernidade, o Capital, como uma mediação puramente pragmática e anti-narrativa, toma o lugar outrora ocupado pelo Espírito (o hegeliano).

Há uma semelhança possível entre a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel ¹¹ e *O Capital* de Marx ¹². Ambos iniciam sua exposição com uma categoria que aparece no mundo em sua forma mais rudimentar e circunstancial e terminam com essa forma ocupando o lugar de mediação das relações humanas, ou seja, terminam em sua forma universal. Essa categoria para Hegel é a consciência, cujo percurso vai do sensível para a consciência-de-si e Espírito; em Marx, temos a mercadoria em sua forma de valor ocasional, passando pela forma-dinheiro e, por fim, temos a forma universal, o Capital. Contudo, se em Hegel a fase final do Espírito é uma rememoração, a narrativa de sua “*história efetiva*” ¹³, no Marx d’*O Capital*, o caso é outro.

O Capital é a-histórico de nascença, ele herda esse traço da forma-dinheiro: a) devido ao rompimento do nexos causal produzido pela transformação da mercadoria em dinheiro (M-D): “Não se percebe no

.....
11 Hegel 1992.

12 Marx 2013.

13 Hegel 1992, §802.

dinheiro de que qualidade é a mercadoria que foi nele transformada. Em sua forma-dinheiro, uma mercadoria tem a mesma aparência que a outra”¹⁴; b) pela transferência de posse dos valores trocados no capitalismo: “O vendedor tem sua mercadoria substituída pelo ouro, e o comprador tem seu ouro substituído por uma mercadoria. O fenômeno que aqui se evidencia é a mudança de mãos ou de lugar entre a mercadoria e o ouro”¹⁵; e c) o caráter fetichista da mercadoria, que aliena o trabalho humano impregnado na mercadoria: “Porque equiparam entre si seus produtos de diferentes tipos na troca, como valores, eles equiparam entre si seus diferentes trabalhos como trabalho humano. Eles não sabem disso, mas o fazem”¹⁶.

Depreendemos três efeitos desse caráter a-histórico do capitalismo, ou, do que Marx descrevera por “conexão superficial”¹⁷ empreendida pelo Capital:

1) Desde que munidos da gramática universal do capital, a mercadoria, podemos estabelecer intercâmbio com povos culturalmente muito díspares. Tal fator faz com que o mercado seja facilmente universalizável: “A mercadoria em si e por si é superior a qualquer barreira religiosa, política e linguística. Sua língua universal é o preço e sua comunidade, o dinheiro”¹⁸.

2) Diferentemente da lógica do dom e contradom, na qual a oferta do dom carrega consigo a obrigação de devolvê-lo como contradom, quanto ao mercado, Derrida descreveu o intercâmbio de mercadoria por: “A Gift without Present”¹⁹ – algo como o “presente sem dom”. Significa isso que, no ato de troca mediado pelo mercado, está excluído o veículo do laço social, da aliança, da formação de comunidade que é o próprio ato de presentear; os atores intercambiam coisas e logo em seguida estão desconectados. Karatani nos diz que, contrariamente à lógica do dom e contradom, na qual a propriedade do dom não é transferida, ficando o receptor do dom devendo obrigações (contradom), no mercado, a propriedade é totalmente transferida, estando ambos os atores desobri-

.....
14 Marx 2013, p. 248.

15 *Ibid*, p. 246.

16 *Ibid*, p. 208.

17 Marx 2011, p. 62.

18 Marx 2008, pp. 192-193.

19 Derrida 1992.

gados um com relação ao outro²⁰. No capitalismo: “desenvolve-se o cosmopolitismo dos comerciantes, como um dogma da razão prática, opostamente aos preconceitos hereditários, religiosos, nacionais e todos os demais que criam obstáculos à circulação da matéria da humanidade”²¹.

3) Enquanto no sistema embasado no laço social os atores importam por seu valor imaginário ou simbólico – identidade, títulos etc. –, no mercado, a magnitude na troca é medida pelo valor da coisa em relação a outra coisa, assim, são as coisas que têm magnitude, não os homens (que são todos iguais) e “os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e suas relações com outros homens”²² (argumento este também presente em Hayek²³). Passa-se, assim, de um fetichismo entre pessoas para o fetichismo entre coisas²⁴.

Vê-se, de acordo com o exposto: 1) as relações sociais outrora mediadas pelo Espírito, produtor de história, de narrativa, de laço social ou de aliança, serem substituídas pelo Capital, uma categoria a-histórica, sem nexos causais; e 2) a pós-modernidade é o nome dado a uma sociedade em que o Capital chegou a sua forma plena; o mundo fragmentado do qual nos fala Jameson possui, na verdade, um vínculo que liga todos esses fragmentos, o Capital ou o mercado. Desse modo, podemos dizer mitos individuais coabitam, pois, a mediação é feita pelo mercado e não pela narrativa.

O Populismo: a Narrativa num mundo sem narrativa

O espaço de mercado ou o espaço urbano ou pós-moderno é, pelo que vimos, uma acumulação de fragmentos, de significantes, todos eles amarrados por uma linguagem universal, porém antinarrativa, o dinheiro. Entretanto, há um mal endêmico no capitalismo que é exatamente a falta de dinheiro ou a tendência à concentração da renda²⁵. Nos períodos em que o dinheiro foi tirado da esfera de circulação ou períodos inflacionários onde há um dinheiro “artificial” injetado nessa esfera, em suma, períodos de crise, parece haver uma forte tendência ao desenterro de

.....
²⁰ Karatani 2014.

²¹ Marx 2008, p. 193.

²² Marx, Engels 2007, p. 43.

²³ Hayek 1977.

²⁴ Žižek 1996. p. 310.

²⁵ Piketi 2014.

narrativas, as quais operam com a mesma lógica das formações de compromisso e é nesse ambiente de crise, de desenterro de narrativas, que o fenômeno do populismo, é lícito supor, emerge.

Tese esta central do neoliberal austríaco Hayek ²⁶, em certa medida, também de Marx, é a de que grande parte do regime de demandas sociais pode ser comensurado por um regime monetário. Primeiramente, o dinheiro é responsável por resolver demandas horizontais. Ainda que, por vezes, optemos por serviços públicos, o contra-argumento liberal, em tese, é equivalente, se todos têm dinheiro, não carecemos serviços públicos e a recíproca é, também, verdadeira, se temos serviços públicos, não carecemos dinheiro. Segundo, o dinheiro resolve demandas verticais. Como dito acima, se o fetiche agora encontra-se na esfera das mercadorias, os modos de distinção social são mensuráveis pelo capital econômico acumulado e/ou expressado pelos atores, daí, uma distribuição de renda igualitária não seria desejável pois fere um narcisismo de base.

Chegamos, assim, à descrição do fenômeno populista feita por Laclau ²⁷. O autor postula que a emergência de fenômenos populistas se deve à insuficiência de um governo em satisfazer demandas populares, essas demandas insatisfeitas vão se acumulando até o momento em que eclode a disputa por uma narrativa ou um discurso que hegemonize o campo social. A disputa pela hegemonia se dá de modo a articular ou mapear o ambiente fragmentado num discurso coerente. Desse modo, inicialmente, temos uma profusão de demandas insatisfeitas; segundo, essas demandas se equivalem entre si; e, terceiro, propõe-se um mito (para usar o jargão lévi-straussiano) ou um discurso hegemônico cujo intuito seja explicar o motivo da insatisfação no corpo político, passa se, assim, de uma solidariedade mútua entre as demandas a um sistema estável de significação. Tal discurso, para ser hegemônico, deve ser falado ou encenado por uma grande quantidade de pessoas, o *povo*. Dessarte, a formação de um povo com vistas a interferir nos rumos políticos é a atividade populista por excelência e, como o contrário de uma massa política seria o tecnicismo burocrático, o especialista – atividade que se aproxima a um sistema algorítmico de decisões –, o populismo é a atividade política em geral.

A atividade política/populista, contudo, não faz sem a produção

.....
²⁶ Hayek 1977.

²⁷ Laclau 2012.

de um antagonismo. O antagonismo fundamental marxista, aquele de classes, passa a segundo plano na teoria laclauliana – uma enfoque, aliás, compreensível, acima evocamos o fato de que, na primeira Guerra Mundial, a chamada classe trabalhadora preferiu suas identidades nacionais às de classe. Por essa perspectiva, a construção do discurso antagonístico se dá por meio de uma negação sistêmica, os representantes do poder vigente, esse que foi falho em satisfazer demandas populares, são alçados à categoria inimigo do povo, criando aí uma fronteira interna ao corpo social.

Na construção dessa fronteira, que se dá reciprocamente pela disputa pelo discurso hegemônico, tem-se: a) *significantes vazios*, os quais operam como índice de um discurso, como significação do conjunto de demandas, algo como o nome do mito, e b) *significantes flutuantes*, demandas em disputa para que estas caiam dentro de um significante vazio, ou seja, qual a amplitude de significantes um determinado discurso ou mito é capaz de significar, seja positivamente, como aqueles que o mito é capaz de resolver, seja negativamente, como o inimigo social ou as demandas que atravancam a plenitude social.

O Des-recalcamento da Narrativa

Vimos como que algo como a política necessita de meios subjetivos, a formação de um povo enquanto vontade coletiva e de um inimigo sistêmico. No contexto do presente artigo, pretendemos identificar esse inimigo sistêmico com o iluminismo tal como colocado pela filosofia hegeliana; identificação esta tendenciosa, mas que, contudo, pode oferecer uma chave leitura do momento, pois, o iluminismo, nas palavras de Hypolite²⁸, é o “irmão inimigo” da fé, esta, que tem sido vitoriosa, ou, ao menos tem tido uma relevância inesperada nas recentes disputas políticas – como na França, Hungria, Filipinas etc.

Nas primeira e segunda partes do VI capítulo da *Fenomenologia do Espírito* Hegel propõe duas oposições que nos servirão de guias para o enquadre da luta populista que se dá nesse momento. Primeiro, no capítulo sobre a eticidade, há a oposição entre o mundo ético e o Estado, no capítulo seguinte, sobre a cultura [*Bildung*], entre iluminismo e fé.

No capítulo sobre a eticidade, o mundo ético é determinado pelo bom-senso da comunidade, refere-se ao direito consuetudinário²⁹; nes-

.....
28 Hypolite 1999.

29 Kojève 2002.

se regime há uma espécie de lei não escrita cujo fundamento é acordo tácito sobre o que se deve e o que não se deve fazer, sobre aquilo que é certo ou errado devido a um hábito admitido na esfera dos costumes. Por exemplo, comer de boca aberta não é uma lei escrita e nem traz para si um injunção do Estado (embora acarrete uma represália da comunidade), mas é algo aceito como tradição. Por outro lado, temos a lei do Estado. Esta deve ser escrita, sujeita a injunções do Estado e ter uma descrição que vise abarcar uma ação enquanto uma prescrição legal que caiba no escrito, objetivo ou claro, isto é, que negue o bom-senso. Por essa chave podemos observar que slogans como “cidadão de bem”, “humanos direitos” e “pouca vergonha” são variáveis que caem bem sob mundo ético, mas encontram dificuldades em se objetivar na lei do Estado. O conflito entre essas duas leis surge, com efeito, porque uma lei não é transponível para a outra. A comunidade, que se reconhece no mundo ético, encontra-se alienada na lei do Estado, isto é, a lei escrita que submete todos os cidadãos não legisla sobre comportamentos ou costumes que ofendem o nível de recato ou bom-senso de uma dada comunidade. Onde a comunidade vê a si mesma se desintegrando e sem mecanismos legais para lidar com essa fragmentação, posto que a lei do Estado não define ou não avalia um “cidadão de bem” ou “pouca vergonha” tal como o mundo ético. Por outro lado, a lei do estado, com sua permissividade quanto a tudo que escapa do predeterminado, opera, eventualmente, reprimindo e, podemos dizer, *ofendendo* o mundo ético por nada poder fazer contra comportamentos ofensivos à tradição. Um adendo, como o Estado abarca várias comunidades e mesmo o espaço urbano abarca várias comunidades – o fenômeno das tribos urbanas evidencia isso – seria ainda mais impensável que o mundo ético se comensurasse pela lei do Estado.

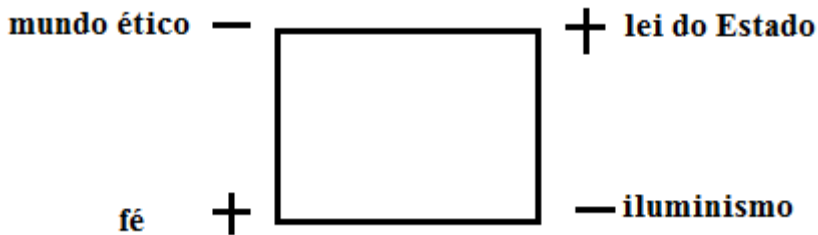
No capítulo seguinte, sobre a cultura [*Bildung*] o conflito se dá entre a fé e o iluminismo. O iluminismo concebe a si mesmo como um oposto da fé: “A pura inteligência sabe a fé como o oposto a ela, à razão e à verdade. Como para ela, a fé em geral é um tecido de superstições, preconceitos e erros, assim para ela a consciência desse conteúdo se organiza em um reino de erro”³⁰.

Entrementes, o iluminismo tem um estatuto ambivalente na obra hegeliana; se por um lado ele denuncia a mistificação da religião, por outro, não se apercebe do reino terrestre que a religião constrói em seu nome, tampouco de sua existência negativa para com a fé. Isto é, por um lado, tem dependência do reino da fé para exercitar sua crítica, por outro,

.....
30 Hegel 1992, §542.

nada cria. Critica a fé e nada põe em seu lugar, ou melhor, põe um mundo nadificado, reduzido à natureza objetiva, em oposição ao simbolismo da fé. O ápice do iluminismo na *Fenomenologia do Espírito* é o utilitarismo da razão. Quando os objetos sagrados são negados, aqueles se mantêm são os objetos úteis, ora, esse fechar de olhos para o universo simbólico é, ao mesmo tempo, uma formação aparentada à religião, pois a razão utilitária, como num dogmatismo, deve negar a racionalidade envolvida na obra da fé. Deriva daí a expressão de Marx sobre o cosmopolitismo sujeito liberal (oposto “aos preconceitos hereditários, religiosos, nacionais e todos os demais que criam obstáculos à circulação da matéria da humanidade³¹): “um dogma da razão prática”. Também por conta dessa razão que recusa a racionalidade da fé, Hegel, em sua *Enciclopédia*, designa o sistema de conhecimento do iluminismo por “teologia iluminista”³².

Um plano de coordenadas pode ser construído para dispor esses quatro conceitos:



Marcamos o mundo ético como negativo devido à sua impossibilidade de positivação ou de escrita, sendo a lei do Estado, a escrita legal, possível, um julgamento moral dessubjetivado; a fé aparece aqui como positivo porque em torno da fé construiu-se impérios, a fé tem um poder criativo, acrescenta algo ao mundo; por fim, iluminismo como uma força essencialmente negativa quanto à fé.

Utilizando desse esquema, nos parece que o que tem ocorrido nesse momento do mundo é uma inversão do pólo: lei do Estado e iluminismo, para o polo: mundo ético e fé. A lei objetiva e impessoal do Estado não foi efetiva em conter demandas articuladas à moda da tradição; as pautas multiculturalistas em geral cederam espaço para uma força até então recalcada ou sem representação na sociedade, a tradição. Por outro lado, a racionalidade iluminista que tudo naturaliza, nega o sacra-

.....
31 Marx 2008, p. 193.

32 Hegel 1995, p. 36.

mentário da religião, o qual, por sua vez, também se assenta na tradição e perde também de vista o potencial das religiões em organizar a vidas das pessoas, em dar a elas esperança e dignidade, disciplina, acolhimento... ou seja, todas aquelas demandas que o mundo iluminista utilitarista não vinha tendo sucesso em captar. Em suma, há uma racionalidade nessa opção.

Tendo em vista esse modelo, o duelo pela formação do povo aparece, em nosso contexto, como uma contenda entre direitos e costumes, e, entre fé e iluminismo. Contudo, se visto de baixo, a velha questão econômica pode ser ressuscitada. No tópico anterior sugerimos que o fenômeno do populismo, enquanto luta por hegemonia, encontra suas condições de possibilidade na contemporaneidade nos períodos de crise, se preferir, de crise acentuada. Dado que quase todo regime de carência, de demandas, pode ser comensurado por um regime monetário, quando o dinheiro falta, as carências devem ser sanadas de maneira não utilitária, mas com narrativas ou mitos, isto é, quando surgem as ilusões é porque temos uma condição que necessita de ilusões – como já dizia Marx (concepção semelhante em Levi-Strauss a respeito do mito). Portanto, há aí uma perfeita solução de compromisso, racional porque uma condição que necessita de ilusões e irracional, pois não age sobre as causas endêmicas.

Dessarte, se a sugestão vale, conclui-se que, iluministas legalistas e religiosos tradicionalistas estariam condenados à luta por hegemonia – se houver tempo para mais uma volta no parafuso, remeto novamente a Streeck³³ –, pois, a nenhum desses atores cabe transformar o contexto dessa luta, qual seja, o contexto que suprime e enseja narrativas, o Capital. Mexer profundamente na esfera econômica é algo que não ocorre hoje em dia, como diz Jameson, é mais fácil pensar o fim do mundo que o fim do capital (as catástrofes estão para todos os lados, seja no jornal – perigo de guerra, esgotamento dos recursos naturais etc. – seja nos filmes hollywoodianos, nos presenteando recorrentemente com narrativas apocalípticas ou pós apocalípticas). Ainda não inventamos, para hoje, um mecanismo de reversão do esgotamento do mundo, tampouco um de desconcentração de renda.

Considerações Finais

Ao dizer que as *Fake News*, o discurso de ódio, a manipulação da mídia, o autoritarismo são a causa do cenário político atual, perde-se de

.....
33 Streeck 2013.

vista questões de fundamento as quais tentamos ensaiar uma resposta, estas seriam algo como: a) sob que circunstâncias as pessoas se tornam refratárias à crítica?; b) qual o porquê da aderência a projetos contrários à (suposta) racionalidade?

Sobre a primeira questão, vimos que o projeto da modernidade, como uma utopia imanente à crítica não se sustentou, a mera denúncia e sua concomitante desagregação do mundo não garante uma utopia ou um projeto utópico que estaria no horizonte da crítica. Sobre a segunda, a racionalidade iluminista deixa de ver racionalidade na tradição e na fé. Tradição e fé são responsáveis por mediar a vida de muita gente há muito tempo (é possível perceber, por essa perspectiva, a ingenuidade do projeto multicultural), daí: ou esses modos de vida estavam apenas recalçados porque o dinheiro permitia um vida sem ilusões, isto é, sem discursos coletivos que permitissem estruturar os fragmentos do espaço pós-moderno, ou, o mito iluminista estatista chegou ao seu limite. Ademais, é necessário notar que o aparecimento da narrativa do fascismo ou do autoritarismo, é, assim como o fenômeno do tradicionalismo e da religião, um des-recalcamento da narrativa ou de uma realidade já presente – basta reportarmos ao clima beligerante e despótico que assola a grande parte das populações periféricas. Desse modo, o que estamos presenciando seria apenas o aparecimento numa nova esfera social de algo já presente, mas que causava menos compadecimento, para uma massa da população (esse seria um dos motivos pelo qual alguma parcela da população não se mostrava sensível ao argumento do fascismo).

Por fim, gostaríamos de pontuar que o conflito que tentamos colocar aqui como central, não exclui outros atores, tais como, o interesse egoísta de elites, desejo de poder por parte do militares, vingança contra o fisiologismo de Estado etc. porém, estes funcionam mais como significantes flutuantes que caíram no conjunto hegemônico pelos costumes e pela fé, foram mais componentes do processo, que o próprio processo. Chegamos a um ponto onde a racionalidade mostrou-se irracional, em certa medida, falatório abstrato, porque perdeu tração no movimento que escorria por debaixo de si. E a irracionalidade racional, movida por um alvo (pretensamente) falso, constituiu sua hegemonia.

BIBLIOGRAFIA

- Derrida, J. 1992 *Given time: I. Counterfeit money* (Vol. 1) Chicago: University of Chicago Press.
- Freud, S. 2017 *Obras Completas: O chiste e sua relação com o inconsciente* São Paulo: Companhia das Letras.

- Hayek, F. 1977 O caminho da servidão Porto Alegre: Globo.
- Hegel, G. W. F. 1992 Fenomenologia do espírito Petrópolis: Vozes.
- Hegel, G. W. F. 1995 Enciclopédia das ciências filosóficas II-Filosofia do Espírito (Vol. 3) São Paulo: Edições Loyola.
- Hyppolite, J. 1999 Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel São Paulo: Discurso editorial.
- Jameson, F. 1996 Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio São Paulo: Ática.
- Karatani, K. 2014 The structure of world history: From modes of production to modes of exchange Durham, Carolina do Norte-EUA: Duke University Press.
- Kojeve, A. 2002 Introdução à Leitura de Hegel Rio de Janeiro: Contraponto.
- Koselleck, R. 2006 Futuro passado Rio de Janeiro: Contraponto.
- Laclau, E. 2012 La razón populista México: Fondo de cultura Económica.
- Liotard, J. F. 1998 A condição pós-moderna Rio de Janeiro: José Olympio.
- Marx, K.; Engels, F 2007 Manifesto Comunista São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. 2008 Contribuição à crítica da economia política São Paulo: Expressão Popular.
- Marx, K. 2011 Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-58: esboços da crítica da economia política São Paulo: Boitempo
- Marx, K. 2013 O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. 2015 Crítica da filosofia do direito de Hegel São Paulo: Boitempo Editorial.
- Piketty, T. 2014 O capital no século XXI Rio de Janeiro: Editora Intrínseca.
- Schlegel, F. 1997 O dialeto dos fragmentos São Paulo: Iluminuras.
- Streeck, W. 2013 Tempo comprado: A crise adiada do capitalismo democrático Coimbra: Actual.
- Zizek, S. 1996 'Como Marx inventou o sintoma?' em Zizek, S. (org.) 1996 Um mapa da ideologia Rio de Janeiro: Contraponto.